

## Interfaces e Protocolos da Circulação do “Religioso” em Rede: O Caso Católico<sup>1</sup>

Moisés Sbardelotto<sup>2</sup>

### Resumo

Nas redes sociodigitais, manifestam-se intensas trocas comunicacionais, que envolvem também operações simbólicas de instituições sociais como as Igrejas. Nessas redes, há inúmeros sentidos religiosos em circulação, com base em lógicas midiáticas, o que caracteriza um fenômeno de midiaticização da religião no contexto contemporâneo. Neste artigo, analisam-se práticas comunicacionais em páginas oficiais da instância máxima da Igreja Católica – o Vaticano – no Facebook a partir de dois conceitos-chave: interface e protocolo. Como conclusão, aponta-se a configuração do que aqui chamamos de dispositivo conexial, um sistema sócio-tecno-simbólico heterogêneo de interfaces e protocolos voltados para a conexão digital, que organizam a comunicação entre os agentes em rede, sejam eles indivíduos ou instituições.

### Palavras-chave

Interface; protocolo; redes sociodigitais; dispositivo conexial; Facebook.

### Introdução

Em um período histórico em que os processos de comunicação midiática se tornam generalizados, percebemos que a internet passa a ser também um ambiente para práticas religiosas, caracterizando um fenômeno de midiaticização da religião (SBARDELOTTO, 2012). Nessa ambiência social impulsionada pelas mídias digitais, indivíduos e instituições religiosas vão sendo impelidos pela nova complexidade social a modificar suas ações comunicacionais de significação do sagrado.

Hoje, as redes digitais se tornaram ambientes online de sociabilidade, em que se manifestam intensas trocas comunicacionais, atemporais e aespaciais, entre internautas. Nesses ambientes, a vida social encontra-se em constante pulsação a partir das conversas sobre “o que está acontecendo”<sup>3</sup>. Nessas interações sociais tecnologicamente mediadas, as práticas culturais da sociedade trazem consigo lógicas midiáticas, que envolvem também o vasto âmbito social do religioso e instituições sociais como as Igrejas. Em nosso caso específico, interessamo-nos por uma faceta desse religioso, a saber, o “católico”<sup>4</sup>, ou seja,

<sup>1</sup> Artigo apresentado no Eixo 7 – Redes Sociais na Internet e Sociabilidade Online do VII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura, realizado de 20 a 22 de novembro de 2013.

<sup>2</sup> Doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), na linha de pesquisa Midiaticização e Processos Sociais. Bolsista do CNPq. E-mail: [msbardelotto@yahoo.com.br](mailto:msbardelotto@yahoo.com.br).

<sup>3</sup> Em duas das principais redes sociodigitais, o Twitter e o Facebook, essa expressão encontra-se *ipsis litteris* em suas páginas principais. O Twitter afirma: “Bem-vindo ao Twitter. Descubra o que está acontecendo, agora mesmo, com as pessoas e organizações que lhe interessam” (grifo nosso). Já no Facebook, o usuário se depara com a seguinte pergunta: “O que está acontecendo, [nome do usuário]?”.

<sup>4</sup> O interesse pelo “católico” se deve à relevância sócio-histórico-cultural da Igreja Católica, especialmente no Brasil. Segundo o IBGE, os católicos ainda são a maioria religiosa do país, com 64,6% da população em 2010. Dados disponíveis em: <http://migre.me/ddYsQ>.

construtos simbólicos que a sociedade como um todo considera como relacionados às crenças e às práticas da Igreja Católica.

Vemos que esses processos se dão em plataformas tecnológicas em rede, como é o caso do Facebook, que estabelecem uma determinada estrutura de conexão entre os usuários, que, por sua vez, é reinventada a partir dos usos e apropriações sociais, na complexidade das redes de relações que aí se formam. Tecnologia e sociedade, portanto, estabelecem interações cujo resultado é indeterminado *a priori*. Retomando Flusser (2011), emerge nas redes sociodigitais uma nova modalidade do chamado “complexo ‘aparelho-operador’”, não mais entre a câmera fotográfica e o fotógrafo, mas sim entre as redes digitais e os diversos agentes sociais conectados. Permanece válido que este novo complexo,

é demasiadamente complicado para que possa ser penetrado: é *caixa preta* e o que se vê é apenas *input* e *output*. Quem vê *input* e *output* vê o canal e não o processo codificador que se passa no interior da *caixa preta*. Toda crítica da imagem [ou da rede] técnica deve visar o branqueamento dessa caixa (FLUSSER, 2011, p. 32).

Neste artigo, tentamos nos aproximar de uma análise mais aprofundada dessa “caixa preta”, a partir de dois conceitos-chave nesse novo complexo “aparelho-operador”, a saber, *interfaces* e *protocolos* – sem intenção de esgotamento da reflexão. Para isso, analisamos primeiramente o fenômeno da midiatização digital da religião, a partir da apropriação das redes sociodigitais pela instituição eclesial e pelos fiéis. Examinam-se depois elementos empíricos de práticas comunicacionais em páginas oficiais da instância máxima da Igreja Católica – o Vaticano – no Facebook a partir da *interface* e dos *protocolos* nelas estabelecidos. A partir da compreensão dos usos e práticas da Igreja Católica para a apropriação das redes sociodigitais, propõe-se o conceito de *dispositivo conexial*, ou seja, um sistema sócio-técnico-simbólico heterogêneo de interfaces e protocolos que possibilitam a conexão digital que organiza a comunicação entre os agentes em rede, sejam eles indivíduos ou instituições.

### **Estratégias e táticas: a midiatização da religião entre a técnica e o social**

Nas redes sociodigitais, os usuários conectados, indivíduos e instituições, manifestam suas competências comunicacionais em diversos âmbitos do social, inclusive o religioso. Para compreender esse fenômeno de reconstrução e circulação do “católico” nas

redes sociodigitais, é importante entender as mídias não apenas como *aparatos tecnológicos* (os diversos “meios”), mas também como *práticas socioculturais* (as diversas “mediações”) *por meio* daqueles, *sobre* aqueles e *para além* daqueles. As mídias são, portanto, “*dispositivos sociotécnicos e sociossimbólicos*, baseados cada vez mais no conjunto de técnicas (e não mais em uma única técnica, como antigamente)” (MIÈGE, 2009, p.110). Nesse contexto, as tecnologias da informação e da comunicação propriamente ditas são apenas a “base material das mídias” (MIÈGE, 2009, p.111). As mídias, portanto, são dispositivos *técnicos* que ganham sentido *a partir dos usos e práticas sociais*. São *interfaces sociotécnicas* que passam a estabelecer redes complexas de circulação comunicacional.

Nesse contexto, a midiaticização pode ser entendida como uma “ação das mídias”, e os fenômenos sociais são midiaticizados não pelos meios ou pelas instâncias de mediação social, estritamente, mas sim pelas *mídias*, em seu sentido específico, que abrangem as complexas e híbridas relações entre meios e mediações, entre processos técnicos e processos sociais. A midiaticização, assim, revela aquilo que, “nas relações interindividuais e mesmo intergrupais ou intraorganizacionais, se produz quando uma Tic, ou melhor, um dispositivo, interpõe-se entre Eu e Você, Eu e Nós, Nós e Nós”, ou seja, as “modificações dos próprios atos de comunicação” (MIÈGE, 2009, p.83), também em âmbito religioso.

Nas práticas sociocomunicacionais em redes digitais, embora se manifeste uma certa autonomização dos fiéis nas práticas religiosas e na reconstrução de suas crenças, é preciso reconhecer que as redes relacionais que se estabelecem mediante a internet *conectam e complexificam* práticas religiosas difusas, manifestando uma clara *dimensão medial* dos fenômenos em questão (cf. FELINTO, 2011). Essa medialidade, por ser um campo de fronteira entre âmbitos socioculturais distintos, envolve um certo grau de *contingências* sociais, simbólicas e técnicas diversas, tanto às redes de agentes quanto aos fluxos de informações. São essas contingências que manifestam empiricamente as disputas de controle e poder que se dão nas interações sociais mediadas tecnologicamente. Queremos aqui nos deter sobre duas manifestações concretas dessas contingências, a saber, as *interfaces* e os *protocolos*.

### **Interfaces e protocolos: a construção social nas disputas de poder simbólico**

Interfaces e protocolos são processos sociais e técnicos que moldam e condicionam as práticas religiosas e a reconstrução das crenças religiosas em redes digitais. Ambos os processos não estão dados de antemão, mas são qualidades emergentes que envolvem dinâmicas e lógicas sociais e técnicas, e contextos de usos e práticas sociais midiaticizados. Esses processos são latentes e se dão mediante redes de relações sociais, ocultos sob uma “caixa preta” que precisa ser aberta para nela se encontrar tais processos, que moldam e possibilitam o desenvolvimento de tecnologias digitais e das práticas sociais.

As *interfaces*, primeiramente, são o “lugar” das interações em rede digital. Elas ocorrem por meio de instrumentos e aparatos *físicos* (tela, teclado, mouse) e *simbólicos* presentes na linguagem computacional (navegadores, menus, ambientes). Com eles, é possível “manipular” as informações ofertadas e organizadas pelo sistema e navegar pelos seus meandros. Interface, portanto, é a *superfície de contato tecnossimbólico* que possibilita a interação entre tecnologias e usuários, ou entre usuários, em redes digitais. É por isso que falamos das interfaces como *processos tecnossociais*, pois partem de uma oferta técnica que é apropriada pelos usuários em seus usos diversos. É por meio da interface que o indivíduo interage com o sistema e com a sociedade em rede, a partir dos limites e possibilidades oferecidos pelo sistema, que podem ser subvertidos pelos usos e práticas sociais.

As interfaces podem se tornar naturalizadas, “transparentes”, durante os seus usos, devido à sua maior ou menor funcionalidade ou usabilidade. Mas é preciso atentar que “a interface do computador age como um código que carrega mensagens culturais em uma grande variedade de mídias” (MANOVICH, 2000, p.64). Ela carrega consigo sentidos e afeta a mensagem transmitida e a experiência do usuário. A interface, portanto, é uma “área de escolha” que une e separa, ao mesmo tempo, o sistema e o usuário, tornando-se um “nexo fértil” (cf. DAGOGNET, 1982).

Analisaremos aqui a interface da página *News.va*<sup>5</sup> no Facebook. Trata-se da presença na rede social digital do site de notícias do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais do Vaticano, em colaboração com os departamentos de mídias da Santa Sé. O serviço conta com cinco páginas diferentes no Facebook para cinco idiomas diferentes (português, inglês, espanhol, francês e italiano). Dessas, a mais “curtida” (e,

<sup>5</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/news.va.pt>.

portanto, seguida por mais usuários) é a versão em espanhol, com mais de 66 mil seguidores. Já a versão em português conta com mais de 7,8 mil “curtidas” (Fig. 1).



Figura 1 - Detalhe da página News.va no Facebook

O *News.va* é um site próprio, sediado no próprio sistema do Vaticano: ao se fazer presente no Facebook, busca novas modalidades interacionais com possíveis leitores. Para isso, a página *News.va* no Facebook se apropria dessa interface previamente construída e regulada para determinados usos. Contudo, embora mantendo as mesmas estruturas de uma página do Facebook, cada um dos elementos é reconstruído, mediante processos tecnossociais, de forma a manifestar, justamente, a “marca” da Igreja nesse ambiente, tendo em vista um “leitor” específico.

Assim, a interface do Facebook é reconstruída pela página *News.va* a partir de uma foto específica de perfil que traz o brasão do Vaticano com o nome da página; pela imagem principal da página – que é atualizada frequentemente –, com referências à figura do papa ou a celebrações da Igreja; pelo campo de descrição da página; e pela sua inscrição na categoria “instituição religiosa”, previamente estipulada pelo próprio Facebook. Além disso, nas postagens da página – em média, uma nova postagem a cada três horas na versão em português –, os temas, as imagens, os comentários, tudo gira em torno do catolicismo como um todo (a instituição-Igreja, o papa, a hierarquia, a Bíblia, os eventos da Igreja).

O que caracteriza a interface do Facebook, portanto, é um *programa de interação* por ela estabelecido em relação aos usuários, indivíduos ou instituições. A partir dele, os usuários individuais da *News.va* ou os administradores dessa página institucional navegam autonomamente pela plataforma do Facebook, em uma “luta” constante entre as estratégias de construção de sentido por parte do sistema em sua interface, e as táticas de reconstrução desse sentido (desejos e necessidades) específicas de cada usuário. Em outras palavras, o

Facebook foi originalmente desenvolvido com a missão de “dar às pessoas o poder de compartilhar e tornar o mundo mais aberto e conectado”<sup>6</sup>. Mas a página *News.va* se apropria dessa plataforma e “derrama” sobre ela novas configurações, novos sentidos, novas “missões” – agora religiosas –, criando, nesse caso, um ambiente em que se pode “partilhar” comentários e opiniões especificamente *sobre informações referentes à Igreja Católica*.

A *superfície técnica* da interface, portanto, é primeiramente programada pelo próprio Facebook, e as interações que aí se estabelecem com os usuários se dão a partir das potencialidades possibilitadas por essa superfície; mas, depois, essas potencialidades são complexificadas por uma nova *superfície simbólica* construída pela página *News.va* e voltada a usos específicos – religiosos. Aí se manifesta o processo tecnossocial antes referido.

A interface oferecida pelo Facebook e reapropriada pela *News.va*, portanto, molda e condiciona, dentro de seus limites, a forma como os usuários podem interpretar as informações nela contidas, ao estarem organizadas de determinada forma: as postagens geralmente contêm um texto informativo, uma imagem ou vídeo ilustrativos, links internos ou externos. Por outro lado, a interface também fornece linhas pré-determinadas de decodificação de sentido desses símbolos, por parte dos leitores: os usuários podem ser informados automaticamente das atualizações da página *News.va* ao clicar na opção “curtir” dessa mesma página; podem também “curtir” uma postagem específica; podem fazê-la circular em suas outras redes pessoais no Facebook pela opção “compartilhar”; podem ainda escrever um comentário a uma postagem específica dirigindo-se aos administradores da página ou a outro usuário, estabelecendo debates mediados pela plataforma Facebook e pela página *News.va*. Tudo isso estabelece um determinado programa de interação entre os usuários e o sistema, e também entre os próprios usuários, gerando ainda novos circuitos comunicacionais a partir de cada uma das opções disponíveis aos usuários – curtindo, compartilhando ou comentando –, pois cada uma dessas ações é “informada” aos demais amigos do usuário em suas demais redes.

As interfaces, dessa forma, são um sistema técnico de organização das conexões. Como sintetiza Scolari (2004, p.239), “cremos usar as interfaces, mas na realidade também elas estão nos modelando”. Essa “modelagem” começa pelas próprias configurações da

<sup>6</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/facebook/info>.

linguagem computacional, como as formas possíveis de se lidar com as informações disponíveis: “clique”, “cortar”, “colar”, “copiar”, “deletar”, “acessar” etc. e, depois, pela própria configuração produzida pelos programadores do Facebook, ou seja, as regras e procedimentos que condicionam as possibilidades de interação. E ainda pelas apropriações de cada usuário ou instituição específicos. O programador, portanto, é quem condiciona a caracterização do sistema e suas normas de uso, além de seus objetos e suas propriedades.

Porém, a *ativação* da interface ocorre apenas a partir do “clique” do usuário: é ele quem a *faz funcionar*, é ele quem a *atualiza* a partir das possibilidades virtuais programadas pelo programador. Nesse sentido, as informações iniciais fornecidas pelo programador atuam como um “genótipo” que é expandido a um “fenótipo” pelos usos e apropriações dos inúmeros usuários conectados, sejam eles indivíduos ou instituições sociais (cf. MANOVICH, 2000). Sem o usuário, portanto, a interface só existe virtualmente: são nossas escolhas diante de uma determinada *organização, distribuição e hierarquização* das informações estipuladas pelo sistema que a atualizam. No caso mais macro, são as “escolhas” da *News.va*, que atualizam a interface genérica do Facebook estabelecendo novos usos sociais dessa plataforma; em nível mais micro, são as “escolhas” de cada usuário diante das postagens da página *News.va*, que reatualizam, por sua vez, essa microinterface, desdobrando complexamente as modalidades de interação nessa rede.

Mesmo que as possibilidades de interação sejam (de)limitadas pelo Facebook ou pelas especificidades da *News.va*, o usuário ainda pode ultrapassá-las e buscar outras possibilidades, seja *abusando* do sistema – não correspondendo às suas propostas – ou então *abandonando-o* em busca de “novos mares”. Nesse sentido, há um *desequilíbrio* e uma *dialética* entre como o sistema é pensado e projetado, e como ele é usado na prática pelos usuários. Pois nenhum sistema funciona ou é utilizado conforme o programador previu. Isto é, o sistema “cria” o seu próprio usuário, assim como o usuário também ajuda a “criar” o seu próprio sistema comunicacional.

Dessa forma, como indica Flusser (2007, p.64), a relação entre interface e usuário tem como base uma “liberdade programada, [...] uma escolha de possibilidades prescritas. O que escolho, o faço de acordo com as prescrições”. A regulação desses processos, justamente para que não ocorra nem a desestabilização nem o enrijecimento da plataforma – mediante usos desregulados por parte dos usuários ou o bloqueio desses usos por parte

da plataforma – ocorre por meio de *protocolos*, primeiramente configurados pela plataforma e depois negociados e reconstruídos pelos usuários em suas práticas sociais.

Os *protocolos*, portanto, são *processos sociotécnicos* que se referem ao princípio de organização em redes digitais. Tendo nascido em âmbito diplomático, o termo passou a designar, no âmbito computacional, as regras e as regularidades de determinados padrões de usos das tecnologias, ou seja, comportamentos “apropriados”, “corretos”, “convencionais” para determinados fins. “Se as redes são as estruturas que conectam organismos e máquinas, então os protocolos são as regras que fazem com que as conexões realmente funcionem” (GALLOWAY & THACKER, 2007, p. 29). Por serem redes informacionais, vemos que “a informação flui, mas o faz de uma maneira altamente regulada” (cf. *Ibid.*, p. xix): esses “fluxos regulados” se constituem justamente a partir de protocolos.

O Facebook, em geral, traz um protocolo simples, caracterizado por ações básicas de seus usuários: “conectar” (ao sistema e a amigos), “publicar” e “compartilhar”<sup>7</sup>. Sua interface manifesta esse protocolo de ações mediante campos de inserção de texto e de links que indicam as possibilidades e os limites do sistema: ao acessar o mural pessoal, o usuário é instado pela pergunta do sistema: “No que você está pensando?” ou “O que está acontecendo?”. Trata-se de um convite a interagir com o sistema e os demais amigos. Por outro lado, nas postagens já publicados por outros, existem principalmente as opções “curtir”, “comentar” e “compartilhar”, que regulam e moldam as formas de interação entre o usuário e o sistema, e entre usuários. Algumas dessas ações nasceram juntamente com a plataforma, outras foram inseridas posteriormente a partir dos usos sociais: mas todas foram evoluindo em termos de complexidade e hibridização a partir de *processos sociotécnicos*, ou seja, a partir dos usos e práticas dos próprios usuários ao longo do tempo, aprimorando, tensionando e dando novos usos à plataforma tecnológica, estabelecendo, portanto, novos protocolos. Nesse sentido, os protocolos são uma espécie de sistema sociossimbólico de organização das conexões, que visa a restringir e controlar as modalidades de ação (pode-se “curtir”, mas não “não curtir” determinado conteúdo, por exemplo) – embora sempre com escapes e rupturas por parte da invenção social.

<sup>7</sup> Conforme descrição em <https://www.facebook.com/help/336320879782850/>.



No caso da página *News.va Português*, vemos uma manifestação de protocolos específicos. No campo “Sobre”<sup>8</sup>, ou seja, em sua descrição, a página informa: “Bem-vindos! *Partilhe conosco* os vossos comentários e opiniões sobre as notícias de News.va. Os comentários *devem ser* referentes aos assuntos tratados, *evitando* ofensas e falta de respeito; caso contrário *serão removidos*. Obrigado!” (grifo nosso). Portanto, em sua própria descrição, a página já oferece um amplo protocolo de uso das suas possibilidades: trata-se de um ambiente que envolve uma *possibilidade* aos usuários (a partilha de “comentários e opiniões”); uma *obrigatoriedade* por parte do usuário (“devem ser”) no sentido de atentar para que o conteúdo de seus textos seja específico ao tema abordado pela página; um *evitamento* de certas coisas (“ofensas e falta de respeito”); sob pena de *sanções* específicas (remoção de comentários que desobedeçam o protocolo). Portanto, os protocolos operam como uma “lógica de controle” das redes (cf. GALLOWAY & THACKER, 2007)

Na página *News.va*, vemos que os protocolos vão surgindo na própria ação de interagir – seja entre o sistema e os usuários, ou entre os próprios usuários. No caso abaixo, da página *News.va Español*<sup>9</sup>, manifesta-se uma modalidade de *protocolo interacional*, em que um uso específico por parte dos leitores (a ação de comentar) é incentivada (Fig. 2).

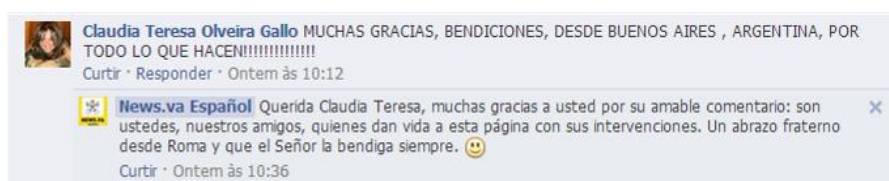


Figura 2 - Comentários na página *News.va Español* referentes a protocolos interacionais<sup>10</sup>

O comentário de “Claudia” se refere a uma postagem sobre uma mensagem que o Papa Francisco havia proferido ao clero de Roma. A usuária escreve um comentário de agradecimento, e a página *News.va Español* responde reiterando que “são vocês, *nossos amigos*, que *dão vida* a esta página com as suas intervenções” (grifo e tradução nossos). Dessa forma, estabelece-se um protocolo interacional em que se moldam as relações (administradores da página e leitores são “amigos”) e também os usos da plataforma (escrever comentários é “dar vida” à página). Assim, a página *News.va Español* reafirma

<sup>8</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/news.va.pt/info>.

<sup>9</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/news.va.es>.

<sup>10</sup> Disponível em <http://goo.gl/8HnbwE>.

seus protocolos de interação, publicamente, informando que a página visa a estimular a intervenção dos leitores, reiterando que seus comentários são importantes.

A mesma página também explicita uma modalidade de *protocolo sociossimbólico* junto a seus leitores nos comentários abaixo, referentes à publicação de uma imagem do papa por parte da página (Fig. 3).



Figura 3 - Comentários da página News.va Español no Facebook<sup>11</sup>

O usuário “Enrique”, em seu texto, pede permissão para usar a imagem postada pela página como sua imagem de capa pessoal no Facebook, reforçando, dessa forma, um protocolo já presente na plataforma (compartilhar e circular conteúdos de outras páginas no próprio perfil ou mural) e, por outro lado, negociando um uso não especificado pela página (o próprio compartilhamento). A página *News.va Español* responde: “Queridos amigos, *compartilhem tudo* o que quiserem da nossa página, *que é para vocês*” (grifo e tradução nossos). Dessa forma, a página estabelece um protocolo de acesso livre aos conteúdos, ao mesmo tempo social (ação de compartilhar com os amigos) e simbólico (“tudo”, imagens e textos postados), o que é reconhecido pelo seu leitorado (8 pessoas “curtiram” esse comentário, e outros dois leitores respondem a esse comentário agradecendo).

Já a usuária “Ana” introduz ainda um “discurso desviante” do sentido original: “Deus os abençoe”, transformando o campo dos comentários também em um “meio” religioso, de intercessão espiritual. E vemos o mesmo caso em inúmeras outras publicações com teor espiritual das páginas *News.va*, em que os comentários de inúmeros leitores se resumem à palavra “Amém”, expressão tipicamente religiosa que reafirma e performatiza o discurso alheio. Nesses deslocamentos, desvios, novos usos, percebe-se o

<sup>11</sup> Disponível em <http://migre.me/g7tNP>.

estabelecimento de novos protocolos por parte dos usuários: não se trata apenas de “partilhar comentários e opiniões” como pede a página, mas também orações, pedidos, súplicas, intercessões, ou seja, práticas religiosas que levam a modificações e metamorfoses, seja por parte da plataforma, seja por parte dos demais usuários, que aderem, se afastam ou subvertem os sentidos e novos protocolos propostos. Ou seja, sendo a interface do Facebook simbolicamente rica e complexa, os usuários estão constantemente descobrindo potencialidades desconhecidas ou ignoradas.

No caso abaixo, a página *News.va Español* indica, no campo dos comentários, um protocolo específico de uso de uma modalidade de postagem (a saber, de um vídeo ao vivo de uma audiência geral do Papa Francisco), delineando um “passo a passo” específico dessa plataforma, isto é, uma modalidade de *protocolo sociotécnico* (Fig. 4).



**Figura 4 - Comentário da página News.va Español referente a um protocolo técnico**

A página indica ao usuário o que ele irá ver, como irá ver, onde é preciso clicar, indicando ainda um link externo para acompanhar o mesmo vídeo “com comentários em espanhol”. A usuária “Teresa” primeiro comenta que está tendo um problema no áudio, mas logo em seguida informa que a “comunicação é perfeita”, indicando que o protocolo técnico informado pela página foi eficaz.

Dessa forma, vemos que as escolhas do usuário *funcionam em função* dos protocolos do Facebook (das virtualidades das suas regras e do seu software), e, por sua vez, o sistema-Facebook funciona em função dos protocolos dos seus “funcionários”, ou seja, dos usuários. Esses funcionários “trabalham” para o Facebook, em seu próprio interior, realizando os usos previstos, e assim gerando dados e conexões, matéria-prima do sistema, ou imprevistos, que levam a melhorias do sistema. Dessa forma, o usuário crê estar utilizando o Facebook como “meio” para a construção de sentido em conexão com

inúmeras pessoas, para realimentar protocolos sociais (neste caso, o fenômeno religioso), e o Facebook crê estar utilizando o usuário como “meio” para coletar inúmeros dados e, assim, realimentar o seu protocolo interno, seu programa, seu software (cf. FLUSSER, 2011). Contudo, o que temos é um processo coevolutivo e indeterminado, em que Facebook e usuários (individuais ou institucionais) retroagem reciprocamente.

Portanto, podemos constatar que os protocolos são: 1) um sistema de regularidades de ação que emergem mediante relações complexas entre agentes sociais e tecnológicos autônomos e interconectados, regulando e conectando fluxos; 2) regularidades estas que se constituem como regras mediante negociação e ação comum entre tais agentes autônomos (o que pode ser feito e o que não pode ser feito, relações de poder e estruturas de controle); 3) uma propriedade emergente da auto-organização em redes horizontais e distribuídas – que, portanto, não podem ser centralizada por um âmbito específico, nem está dada de antemão em termos tecnológicos ou sociais; 4) um sistema complexo que organiza, controla e governa as múltiplas relações de usos e práticas sociotécnicas; e 5) um padrão de interconectividade homogêneo e compartilhado que possibilita o estabelecimento de redes sociodigitais e sua comunicação interna, pois, sem esse padrão, não se estabeleceriam tais redes.

Por sua vez, é o estabelecimento de protocolos que regula usos (e, portanto, estabelece “maus usos”) que possibilita o avanço das interfaces; que, coevolutivamente, fomentam o estabelecimento de novos protocolos, e assim por diante.

### Considerações finais

Em suma, é possível dizer que a *interface* só ganha movimento e dinâmica, quando usada, quando atualizada. Porém, para se poder atualizar a interface, é preciso entrar em negociação com ela, com o sistema e com seus demais usuários mediante *protocolos*. A dinâmica da relação entre interfaces e protocolos se baseia no processo flexível e criativo pelo qual indivíduos e tecnologias interagem, materializando regularidades mediante seu exercício de agenciamento local, estabelecendo redes sociodigitais. Nesse sentido, as *interfaces* estabelecem e possibilitam a emergência de determinados *protocolos*; estes, por sua vez, coevoluindo de forma complexa, demandam e possibilitam a emergência de novas interfaces. A partir de uma tecnologia produzida para uma sociedade (*interface*) e daquilo

que a sociedade produz sobre essa tecnologia (*protocolos*), instauram-se complexas relações que aqui chamamos de *dispositivo conexial*.

Na internet, portanto, tecnologia transformada em “meio de comunicação, de interação e de organização social” (CASTELLS, 2005, p.257), as redes sociodigitais manifestam “determinadas matrizes interacionais e modos práticos compartilhados para fazer avançar a interação” comunicacional (BRAGA, 2011, p. 5) na e entre a sociedade. Esses “sistemas de relações” organizam social e praticamente como base para a comunicação.

Aqui, pela centralidade da noção de “conexão” nas interações online, chamamos essas matrizes de *dispositivo conexial*<sup>12</sup>, ou seja, um sistema sócio-técnico-simbólico heterogêneo de interfaces e protocolos que possibilita a conexão digital e organiza a comunicação entre os agentes em rede, sejam eles indivíduos ou instituições. Trata-se justamente das inter-relações entre as *interfaces tecnossociais* e os *protocolos sociotécnicos*, que passam a estabelecer redes complexas de interação social e circulação comunicacional. São essas configurações sociais e técnicas que fornecem as bases para a mediação digital da sociedade. O dispositivo conexial, portanto, é um *ordenador* de dupla ordem: *ordena* as conexões, estabelecendo possibilidades de interação, e *dá ordens* aos agentes em conexão, estabelecendo limites para tais conexões (cf. MORIN, 2008). Nesse sentido, entendido em seu contexto sociotécnico, o dispositivo conexial é um *aparelho de organização e de comunicação*, que apresenta um “caráter dependente (com relação ao homem) e imperativo (com relação à máquina)” (MORIN, 2008, p.295), ou seja, emancipa e domina ao mesmo tempo.

Sem o dispositivo conexial, não teríamos qualquer tipo de ordem ou regularidade internas na complexidade das redes digitais; em suma, não teríamos redes sociodigitais. Por estas serem uma “estrutura composta de elementos em interação, de interconexão instável e cuja variabilidade obedece a alguma regra de funcionamento” (MUSSO, 2004, p.31), o dispositivo conexial nos ajuda a entender as suas normas e padrões de funcionamento. Nesse sentido, as práticas religiosas hoje passam a se tornar inextricáveis ao dispositivo conexial. Por isso, indo além de uma análise meramente tecnológica ou computacional das chamadas “redes sociais”, reconhecemos que a *essência das redes não*

<sup>12</sup> É interessante recorrer à etimologia. Enquanto interação refere-se a uma “ação entre”, conexão é algo a mais: é “unir”, “atar”, “ligar”, “entretecer” (*cum-néctere*) – o que diz muito mais sobre a ação social em redes digitais.

*está na rede*, mas em seus complexos modos de apropriação e de reconfiguração por parte da sociedade. Nas redes sociodigitais e em seus dispositivos conexiais, podemos perceber que, para além da “produção” eclesial histórica e tradicionalmente concebida sobre o “católico”, os indivíduos “re-produzem” culturalmente o que foi produzido pela instituição e também produzem por si mesmos sentidos relativos à instituição – que por sua vez os “re-produz”, e assim por diante, aumentando o fluxo de circulação comunicacional. Nesse sentido, “a ideia de cibernética – arte/ciência do governo – pode se integrar e se transformar em si-cibernética, arte/ciência de pilitar junto, em que a comunicação não é mais um utensílio de comando, mas uma forma simbiótica complexa de organização” (MORIN, 2008, p.311).

Em suma, na sociedade em midiatização, geram-se novas configurações de relações entre produtores e receptores de sentidos. Assim, a experiência e a tradição religiosas católicas, via mídias, são ressignificadas social e culturalmente. Esse cruzamento e deslocamento de sentidos fomenta o surgimento de um “novo” catolicismo – marcadamente midiatizado.

## Referências

- BRAGA, José Luiz. **Dispositivos interacionais**. Trabalho apresentado no XX Encontro da Compós. Porto Alegre, 2011. Disponível em <<http://migre.me/a2lp6>>.
- CASTELLS, Manuel. Internet e sociedade. In: MORAES, Dênis de. **Por uma outra comunicação**: Mídia, mundialização, cultura e poder. Rio de Janeiro: Record, 2005, pp.225-287.
- DAGOGNET, François. **Faces, surfaces, interfaces**. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1982.
- FAUSTO NETO, Antônio. **Midiatização, Prática Social – Prática de Sentido**. Trabalho apresentado no Seminário sobre Midiatização, Rede Prosul. São Leopoldo, 2005.
- FELINTO, Erick. Ciberultura: ascensão e declínio de uma palavra quase mágica. **E-compós**, Brasília, v. 14, n. 1, jan.-abr. 2011. Disponível em <http://migre.me/fzjpC>.
- FLICHY, Patrice. Introduction: La démocratisation des compétences. In: \_\_\_\_\_. **Le sacre de l'amateur**: Sociologie des passions ordinaires à l'ère numérique. Paris. Éditions du Seuil, 2010, pp.7-17.
- FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado**: Por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Filosofia da caixa preta**: Ensaio para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Annablume, 2011.

---

GALLOWAY, Alexander R.; THACKER, Eugene. **The exploit: a theory of networks.** Minneapolis: University of Minnesota Press, 2007.

MANOVICH, Lev. **The Language of New Media.** London: The MIT Press, 2000.

MIÈGE, Bernard. **A Sociedade Tecida pela Comunicação: Técnicas da Informação e da Comunicação entre Inovação e Enraizamento Social.** São Paulo: Paulus, 2009.

MORIN, Edgar. **O método 1: A natureza da natureza.** 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

MUSSO, Pierre. “A filosofia da rede”. In: PARENTE, André (org.). **Tramas da rede.** Porto Alegre: Sulina, 2004, pp. 17-38.

SBARDELOTTO, Moisés. **E o Verbo se fez bit: A comunicação e a experiência religiosas na internet.** Aparecida: Santuário, 2012.

SCOLARI, Carlos. **Hacer Clic: Hacia una Sociosemiótica de las Interacciones Digitales.** Barcelona: Gedisa, 2004.